

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**José Moura Fontinha**

registada em 2008-09-25  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## José Moura Fontinha

José Moura Fontinha nasceu 11 de Novembro de 1940, na Covita, Chãs d'Égua. O pai era António Paulo Fontinha. Trabalhava de pedreiro nas Minas da Panasqueira. A mãe chamava-se Maria dos Anjos. Trabalhava na agricultura e cuidava dos oito filhos, cinco rapazes e três raparigas. Começou de pequeno, com 5, 6 anos a ajudar em casa. Andou de rastos no chão até aos oito anos, até que o pai lhe mandou fazer umas canadianas. Nunca foi à escola, porque não podia, ficava muito longe para ir. Apesar das dificuldades José pegou numa enxada e andou “a cavar ao pé de homens” e ainda chegou a ir para o pinhal. “Tinha uma vontade para trabalhar, mas não podia.”

# Índice

Identificação José Moura Fontinha.....	4
Ascendência "Melhor que o meu pai e que a minha mãe não podia haver".....	4
Infância Quando era criança.....	5
Educação "Nunca fui à escola".....	8
Religião A doutrina no Piódão.....	8
Namoro "Sou solteiro".....	9
Costumes A terra dá o que se come.....	9
Casa "Reuníamos na cozinha".....	12
Lugar Chãs d'Égua.....	12
Ofício Trabalho com sacrifício.....	15
Quotidiano "Umas voltas para distrair".....	17
Sonhos O supermercado.....	18

## **Identificação *José Moura Fontinha***

O meu nome é José Moura Fontinha. Nasci a 11 de Novembro de 1940, na Covita, Chãs d'Égua.



**José Moura Fontinha (2007)**

## **Ascendência *"Melhor que o meu pai e que a minha mãe não podia haver"***

O meu pai era António Paulo Fontinha. Trabalhava de pedreiro nas Minas da Panasqueira. Pedreiro é fazer paredes, assentar pedra para segurar a rocha por cima, para não desabar.

Não vinha a casa todos os dias. Ia no domingo à tarde e vinha no sábado à tarde. Ficava lá toda a semana, porque era muito longe. Eram três horas de caminho.

Quando o pai vinha era uma alegria. Quando ele chegava, a gente abraçava-se a ele, beijava-o, ele beijava a gente. Era um pai amoroso. Isso não podia ser melhor.

A minha mãe chamava-se Maria dos Anjos. Trabalhava na agricultura e reparava pela gente. A mãe também era amorosa. Pode haver pessoas boas, mas melhor que o meu pai e que a minha mãe não podia haver.

Nós éramos oito irmãos. Nunca foi preciso bater a filho nenhum. Só a palavra do meu pai chegava. Não era preciso mais nada. A gente guardava-lhe um respeito como havia de ser, a 100 por cento. E é assim que se dá educação em condições a um filho. Não é a bater. Acho que a palavra é melhor do que estar a bater num filho. Nunca levei. Nem da minha mãe, nem do meu pai. Nada. Não tenho nada que dizer. Éramos cinco rapazes e três raparigas. Eu sou chegado às duas irmãs mais novas.

A minha avó ainda viveu aqui. Do meu avô, já não me lembra dele. Falecera. A minha avó é que viveu ainda muitos anos com a gente. Era a Ana do Romão. Era uma mulher... Jesus. Isso não podia haver melhor. Era tal e qual como se fosse a minha mãe, para a gente não havia melhor. Era uma pessoa muito boa.

A minha avó também trabalhava, às vezes, mas ficava mais em casa com a gente, com os mais novos. E a minha mãe andava mais no campo. Era mais nova e andava mais no campo. Por isso a que cozinava mais era a minha avó.

## **Infância *Quando era criança***

### **"Era uma alegria"**

A gente éramos todos muito reinadios uns com os outros. Isso era uma alegria quando estávamos todos em casa. Brincávamos uns com os outros, rir uns com os outros na paródia. Assim passávamos às vezes o tempo, naqueles serões grandes quando era no Inverno. O pessoal era mais pobre e eu conheci até pessoas que passavam fome, mas eram mais reinadios que agora.

## **"Era rir uns com os outros"**

Lembro-me da brincadeira do feijão! Começavam com o feijão. Isso agora já não estou bem certo. Pegavam no feijão e eu penso que punham em cima da mão e viravam a ver quantos seguravam em cima da mão. E também faziam com pedrinhas pequeninas e no fim viravam.

Jogavam ao finto. Ao finto é: punham uma pedra ao alto lá longe e punham outra do outro lado. Depois, a gente com uma pedra, de longe, a ver se eram capazes de tombar a do outro lado. Não ganhavam nada. Aquilo era só na brincadeira para se entreterem.

Já jogávamos às cartas. Era jogar à bisca, outras vezes jogavam ao burro, na brincadeira. Jogar ao burro, uma pessoa tinha que puxar àquela puxada do primeiro. Todos tinham que puxar igual. Ao fim, a gente tinha que ir ao baralho. Tirava, tirava e chegando ao fim, quantas cartas ficasse na mão, diziam que ficou com tantos anos de burro. Uma pessoa, às vezes, ficava quase com o baralho inteiro das cartas e assim era que se fazia. Às cartas, jogavam mulheres e tudo. Havia aqui umas vizinhas que para jogar as cartas, oh! Jogava mais elas. E umas também aqui em cima, de uma casa em cima. Entretínhamos-nos na paródia. Era rapazes e raparigas. Era rir uns com os outros. Nesta quinta, era como uma família só.

## **"Há 59 anos que ando com as canadianas"**

Comecei pequeno, aí 5,6 anos a ajudar em casa. Quando comecei a andar mais ou menos. Uma pessoa quando nasce, sabe-se bem que ninguém anda logo. Mas andei de rastos no chão até aos oito anos, como anda uma cobra no chão. Praticamente nasci sem a perna direita. Ter a perna ou não ter é a mesma coisa... Não podia andar. Aos oito anos é que o meu pai mandou-me fazer umas canadianas pequeninas e disse-me:

- "Agora tens a escolher: ou andas com as canadianas ou não te deixo sair de casa. Sabes bem que não podes andar assim toda a vida arrastado no chão."

O que é que eu pensei? Tem que ser. Não tenho outro remédio. Comecei então a andar com as canadianas até hoje. Há 59 anos que ando com as canadianas. Agora já me habituei a elas. Mas é um bocado complicado... uma vida inteira com umas canadianas.

## Uma batalha ganha

*Eu tinha 11 anos e o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs e os irmãos iam à romagem de Vale de Maceira. E eu também queria ir com eles. O meu pai disse:*

- "Tu para Vale de Maceira? Tu para o Vale de Maceira não podes ir. Como é que vais com as canadianas? Com 11 anos daqui para Vale de Maceira, tão longe. Não podes ir.

- Ó pai, eu também tenho que ir. Eu não fico cá.

Comecei a chorar. Ele tanto me viu até que me disse:

- "Olha que tu não és capaz de vencer."

- Eu experimento. Também se vir que não posso, volto para trás.

Lá vesti outra roupazita e disse para eles:

- Olha, eu vou andando.

*Lá fui indo, por aí fora. Chego ao alto da serra e não sabia onde ficava Vale de Maceira. Não sei se ficava para a esquerda, se ficava para a direita. Bem, mas eu no alto da serra, senti fogo, e eu disse:*

- Já sei para onde é! É para a direita. Estão a deitar fogo, de certeza que é em Vale de Maceira. É lá na romagem.

*Então eu apanhei aquilo. Nem sabia o que era uma estrada, nunca tinha visto um carro e cheguei ali e topei-me com a estrada, com um caminho largo. Ia um bocado já naquele caminho, apareceu um carro! Eu fiquei admirado.*

*Quando eu cheguei a Vale de Maceira é que eu vi tanto carro, é que vi mesmo que era um carro que tinha passado por mim. Os meus pais no caminho nunca mais me viram. Disseram:*

- "Com certeza foi-se perder. A gente não o viu mais, foi-se perder."

*Quando chegaram a Vale de Maceira já eu estava sentado debaixo dos carvalhos, á sombra.*

- "Então tu já aqui estás?"

- Pois eu já aqui estou.

- "Então vieste tão depressa?"

- Então não vim?!

*E consegui ir para Vale de Maceira com 11 anos. Uma lonjura destas é que foi. Fui e vim outra vez a pé. Aí umas duas horas e meia, perto de três horas, para cada lado. Uma pessoa tinha que ter coragem. Eu tinha uma vontade enorme para a romagem. Eu via os outros e também tinha que ir. Gostei muito da romagem.*

## **Calçado**

O calçado era de qualquer maneira. Tinha que se remediar, o dinheiro era pouco. Um calçadito ia-se mandando consertar e tal e assim se ia vivendo.

## **Educação "*Nunca fui à escola*"**

Nunca fui à escola, que não podia. Tenho pena mesmo de não saber ler. Não podia ir, que ficava muito longe para ir para a escola de rastos. Ora a escola, ir e voltar, tinha que andar seis quilómetros. E seis quilómetros de rastos no chão e canadianas... de maneira nenhuma podia ir à escola. Por isso, fiquei sem aprender a ler, mas tenho bastante pena de não saber ler.



**José Moura Fontinha (19 anos)**

## **Religião *A doutrina no Piódão***

Andei na doutrina, na igreja do Piódão. Era lá que ensinavam. Tive que aprender porque senão não podia ir à comunhão. A gente aqui no dia da

comunhão levava a roupa que usava também aos domingos. Naquele tempo não havia dinheiro, era pouco.

## **Namoro "*Sou solteiro*"**

Sou solteiro mas sei como eram os namoros. Iam conversando e tal. A diferença é que os namoros primeiro eram mais à calada, mais às escondidas. Agora acho diferente.

## **Costumes *A terra dá o que se come***

### **No campo**

Isto era mais ou menos antigamente. As pessoas levantavam-se cedo para ir em para o campo trabalhar. Havia pessoas que se levantavam ainda de noite.

Praticamente vinha toda a gente comer a casa. Da parte da tarde tornavam outra vez para o campo a trabalhar. Enquanto fosse de dia andavam no campo a trabalhar. Havia trabalho sempre para fazer.

No campo plantávamos milho, feijão, hortaliça, batatas, muita coisa. Os terrenos alguns eram da minha mãe e outros foi o meu pai que marcou. Marcar terrenos é como se comprasse, a pessoa marca o terreno, paga e passa na matriz para nome da pessoa que marcou.

### **O moinho e a broa**

O milho era para cozer a broa. Ao fim, aquele milho era cortado, debulhado e era seco ao sol. Ao fim, ia para um moinho. Do moinho trazia-se a farinha para casa. Amassava-se a farinha, aquecia-se o forno, punha-se lá o pão dentro e ao fim comíamos daquela broa. A gente primeiro não tínhamos pão de trigo cá. Ninguém aqui vinha vender pão. Era só do que a gente cá cultivava que a gente comia.

Havia aqui dois moinhos. Havia logo um aqui na Covita e outro lá mais abaixo. Nos moinhos cada pessoa tinha lá uns tantos tempos para ir moer. Já estava dividido. Cada um sabia o tempo que era seu para lá ir moer a farinha àquele moinho. Moía de noite e de dia. Às vezes, a minha mãe passava noites inteiras, lá no moinho, a ver se por acaso a gente precisava da farinha. Às vezes,

podia haver qualquer coisa na água e tinham que lá ficar. Tínhamos também um forno da gente para cozer.

## Os queijos

Com o leite fazia-se queijos. As minhas irmãs, a minha mãe e a minha avó, elas é que tratavam dos queijos. Mas sei como se faziam os queijos. É coar o leite para uma panela e pôr-lhe um bocadinho de cardo para dentro. Ao fim, pôr o leite num alguidar de água morna, não muito quente, e deixar estar um bocado grande até que o leite fica em coalhada. Ao fim, é com um acincho. Punha-se dentro de uma baciazinha e deitava-se a coalhada para dentro. Ia-se carregando com as mãos para baixo na coalhada até ele ficar sem sair nada. Tiravam o soro para outra vasilha e ficava ali o queijo feito.

O cardo é de uma planta. Servia para coalhar o leite. Se não pusessem o cardo, o leite não coalhava.

O soro, às vezes, até se deitava para os porcos. Às vezes, a gente também comia. Aquilo até era bom. A gente migava pão para uma tigela, botava-lhe para cima e comíamos.

## A matança do porco

Também tinha porcos. A matança era feita num banco grande, tinha que se arranjar aí 4 ou 5 homens para conseguir apanhá-lo com uma corda. Atavam-lhe uma corda no focinho, punham de cima do banco e, ao fim, o sangrador sangrava. Era chamuscado, tudo bem raspado, pendurado e aberto. Tirava-se tudo o que tinha dentro, as tripas e pronto, ficava o porco. Ao fim deixava-se estar até ao outro dia que era para arrefecer a carne. A carne era para salgar e por isso não se podia salgar quente, tinha que ser fria.

Aquilo ainda não havia máquinas para chamuscar naquele tempo. Era com carquejas altas. Cortavam-se carquejas. No fim de estarem secas, punha-se lume e iam logo raspando. Ao fim, ficava o porco limpinho. Aquilo era trabalho de homens. Só para lavar a tripa, então isso é que era com as mulheres. As tripas era para fazer enchidos. Enchia-se com carne de lombos. Tiravam os lombos aos porcos e ao fim aquela carne era posta dentro de um alguidar grande. Levava muitos temperos, deixavam-no ficar de um dia para o outro. Ao outro dia enchiam aquela carne. Ao fim, púnhamo-la ao fumo, ao cimo da lareira que era para secarem lentamente. Os chouriços demoravam aí um mês mais ou menos. No fim de um mês estavam mais ou menos secos, já se podia comer. Aquilo era bom. Mas tudo acabou, não há pessoal para trabalhar.

## **Festas e procissões**

O padroeiro da terra é São João Baptista. No dia 23 e 24 de Agosto fazem uma festazita. Vem um conjunto ou dois, a música, a filarmónica e assim fazem. Há missa e há procissão. Saem os andores, a procissão sai da capela, dá a volta pelo largo, por cima, vai pela parte da ponta do outro outeiro, vem por baixo, pelo meio da povoação acima e regressa outra vez à capela. Não tem capela cá na Covita. A única que há é em Chãs d'Égua. Há lá outra mas é a Senhora do Carmo, na estrada para o Piódão, a sair de Chãs d'Égua, da parte de cima. Havia mais gente. Agora já há menos bailes quando é para as festas. Enfeitavam e enfeitam as ruas, com flores de papel. O pessoal da terra juntavam na capela e faziam. Fazia os mastros altos e enfeitavam também. A procissão passava entre meio daqueles mastros.

A Nossa Senhora de Fátima veio uma vez do Piódão em procissão para Chãs d'Égua. E daqui de Chãs d'Égua outra vez para o Piódão em procissão. Uma procissão grande.

## **Do ramo até à Cruz**

No Domingo de Ramos toda a gente levava um ramo para o Piódão. Não havia ninguém que não levasse. Depois a gente tornava o ramo para casa e guardava ali todo o ano. Para outro ano tornava-se a levar outro e assim era.

As cruzes nas portas, isso já vem de muito tempo. As cruzes são postas no dia 3 de Maio, que é dia de Santa Cruz. A gente também faz cruzes para pôr por aí por um lado e por outro e nos terrenos também. Dizem que é bom porem as cruzes. Eu também fiz ainda este ano.

## **As tradições do Natal e da Páscoa**

O Natal era mais ou menos um dia como os outros, como outro domingo quase. Às vezes, ainda nos juntávamos aí com os outros.

Nas vésperas comíamos o bacalhau. Ao outro dia era carne de porco, outras vezes carne de rês. Quando a gente tinha um borrego, comia um borrego. Já faziam doces. Chamam a isto filhós.

Havia gente que já recebia prendas nessa altura. Uma coisinha qualquer que davam. Davam mais era para crianças, eram coisas de comer.

Na Páscoa a tradição é as amêndoas. Já me lembro primeiro das amêndoas. No dia da Páscoa, a gente vamos à missa e no fim da missa vêm dar as boas-festas pelas casas. Vêm com a Cruz às casas. Todos os anos vem aqui a Cruz a casa, ainda cá veio este ano também. O foliar, a gente arranja um envelope e põe dentro o dinheiro que quer para dar para o Santíssimo, para a Igreja. Cada um põe aquilo que quer. A gente põe o nome por fora, põe em cima da mesa dentro de um pratinho e um dos que andam também com a Cruz, anda a juntar os envelopes. Primeiro nem era dinheiro que punham, não era com envelopes, não havia dinheiro. Primeiro punham uns ovos, um pão trigo e era assim. Era para o senhor prior, que era o do Piódão. Mas agora o dinheiro do foliar é para a Igreja. Os mordomos da Igreja é que tomam conta do dinheiro e no fim do mês é que pagam ao senhor prior. Eles é que tomam conta da igreja. Acho que são três mordomos, penso eu.

### **Casa "*Reuníamos na cozinha*"**

A vida cá em casa, foi com muito trabalho. Tínhamos alguma coisita que o meu pai ia ganhando na Panasqueira. O ordenado era pequeno naquele tempo. Tínhamos que cultivar muitas coisas para a gente ir orientando. Pelo menos pão e sopa nunca nos faltou. Até à data de hoje nunca posso dizer que passei fome.

A minha casa de pequenino fora esta. Aqui, na Covita, é que nascêramos todos, os oito irmãos. A casa era tipo em madeiras antigas. Agora é que foi toda arranjada. Remediava-se uma pessoa de qualquer maneira. Por fora já era em parede, em xisto. Agora foi tudo arranjado, rebocado. A cozinha, antigamente, era uma lareira em pedra por baixo. Tinha uma chaminé para tirar o fumo e era ali que se cozinhava. Nem havia fogão a gás. A comida era toda feita ao lume.

Quando a minha avó era viva reuníamos na cozinha. A gente arrumávamos todos em volta da lareira. Quando era no Inverno, com uma bela fogueira, aquilo fazia calor

Lembra-me de muitas coisas que a minha avó cozinhava. Pelo menos feijão com arroz. Cozia o feijão e no fim de estar quase cozido, punha-lhe arroz e a gente gostava bastante daquilo. Com carne de porco também.

## Lugar *Chãs d'Égua*

### O nome da terra

Eu penso que quando começou a habitar gente era onde chamavam Casas Piódão. Chamavam ao Piódão Velho. Essas pessoas tinham éguas. E deitavam as éguas lá para cima para Chãs d'Égua. Iam para lá pastar e ao fim, por causa disso, é que puseram o nome aqui: Chãs d'Égua.

### Pouca neve

Antigamente era muito frio. Agora não é tanto, mas mesmo assim, às vezes, há dias que o frio carrega a valer. Os Invernos têm sido melhores. Primeiro vinha muitos nevões e acumulava uma altura de neve enorme e agora já de uns anos para cá que a neve aqui praticamente não cai. Só lá por cima mais pela serra é que cai mais neve.

### A Covita quando eu nasci

Nasci na Covita. As casas eram as mesmas, mais ou menos, que há hoje, o que é havia muito mais gente. Agora foram-se embora para outros lados, para Lisboa, para um lado e para o outro. Foram-se porque cá não havia emprego. Não havia fábricas onde se empregarem, foram obrigados a irem para outros lados para se empregar. Agora não mora aqui ninguém. Vivemos apenas só nós os três. Eu, o meu irmão e a minha irmã. Vêm cá pessoas passar férias. Os meus irmãos vêm cá passar férias.

Às vezes, vejo pessoas que viveram aqui. E há aqui uma casa, de um senhor que também vive ali em Côja também vejo amiúde. Têm um restaurante em Côja.

Luz não havia nesse tempo. Era um candeeirozito a petróleo e uma lanternazita com azeite. A gente tínhamos que ir de noite daqui para Vide, com uma lanternazita, por aí abaixo, para irmos apanhar a camioneta às seis e meia da manhã. Ora, no pino do Inverno a camioneta ainda saía de noite da Vide. Fui eu muita vez de noite daqui para lá, com as canadianas. Não tínhamos outro transporte. Não havia estrada nenhuma. E ao fim a camioneta chegava a Vide às 11 da noite. Tínhamos que tornar a vir de Vide para cima outra vez. Daqui para a Vide demorava mais ou menos duas horas. É que são 11 quilómetros. E da Vide

para cima não havia estrada nenhuma. Íamos por aí abaixo. Havia um caminho e por aí abaixo é que a gente passava.

A água tinham que ir buscar. Chamava a gente com um cântaro, à barroca. Não havia água nenhuma de rede. Não havia fontes. A água tinha que vir toda do nascente que há na barroca.

### **"Era como uma família só"**

As pessoas davam-se bem. Esta terra "pia fora"<sup>1</sup> Chãs d'Égua e tudo, era como uma família só. Dava-se tudo muito bem uns com os outros. Aqui nunca havia problemas. Ajudavam-se uns aos outros, não levavam dinheiro nem nada.

As brincadeiras só quando se juntasse meia dúzia de pessoas. Armavam logo um baile. Arranjavam logo uma flauta para tocar, dançavam e tudo. Havia bailes aí por todo o lado. Era tudo rapazes daqui da terra a tocar com realejos. Um realejo é uma coisa pequena, estreitinha.

### **A ribeira e os lavadouros**

Lavar a roupa era no lavadouro. Às vezes, iam lavar nas rochas que há. Punham uma pedra assim inclinada e metiam a roupa na água e esfregavam de cima daquela pedra. Mas ao fim fizeram ali um lavadourozito e já lavavam ali. Mas já foi muito tarde que fizeram. Mais era na ribeira que se lavava a roupa.

### **O correio**

O correio primeiro vinha de Pomares para o Piódão. Ia uma pessoa de Pomares, trazia para o Piódão e ao fim vinha outra pessoa do Piódão trazer aqui a Chãs d'Égua. Em Chãs d'Égua então é que uma pessoa tinha que ir levá-lo. Havia uma tascazita onde vendiam mercearia, vinho e ali é que vinham trazer o correio. Tinha que ser a pé. Todos os dias.

### **O médico**

Antigamente o médico vinha todas as semanas ao Piódão. Agora não. Agora é de mês a mês. Se ficasse doente a meio da semana temos que ir às urgências a Oliveira do Hospital ou a Arganil. A gente pode ser atendido em qualquer ponto do país.

<sup>1</sup>por aí fora

## **"Não sei se era verdade, se era mentira"**

Eu ouvia falar do lobisomem. Também não sei bem o que é. Até punham as almas por aí, por um lado e por outro. Diziam que era por causa dos lobisomens ou lá como chamavam àquilo. No meu tempo, nunca dei conta que aparecesse uma coisa daquelas. Não sei se era verdade se não era.

Lembra-me de ouvir falar do João Brandão. Eu até julgo que havia livros a vender com a história do João Brandão. Nem sei se ele era de Midões ou da Póvoa de Midões, no concelho de Tábua. Eu julgo que o João Brandão era daqueles lados. Diziam que ele era muito ruim. Também não sei se era verdade, se era mentira.

O Oliveirão era aqui de Chãs d'Égua. Eu não o conheci, mas diz que era muito ruim. Ouvi dizer que até o mataram. Não sei se aquilo foi verdade, se não foi.

## **"Gosto da minha terra"**

Se eu pudesse mudar uma coisa aqui em Covita era a estrada. Não a querem deixar passar. Isso é que nos faz aqui falta. Porque quando é preciso cá vir os bombeiros, já cá vieram muita vez, até de noite, têm que levar as pessoas numa maca daqui e é um problema. Se aqui estivesse a estrada os bombeiros vinham aqui mesmo ao pé da casa buscar as pessoas e assim não podem. Como já sabem que é longe, há alturas que até trazem três bombeiros. Só dois é ruim de levar a pessoa.

Gosto da minha terra. Se não gostasse já há 67 anos que aqui estou já me tinha ido embora. Mas gosto disto. Gosto da natureza, uns ares puros é que são.

Chãs d'Égua é uma terra boa também. Não tenho nada que dizer de Chãs d'Égua. Eu estar nos Chãs d'Égua ou estar aqui para mim é a mesma coisa. Tanto me encontro bem aqui como me encontro bem nos Chãs d'Égua ou no Piódão. Há boas pessoas, isto é como seja uma família só. Eu vou para os Chãs d'Égua, eu vou para o Piódão eu deito de contas que é tudo família. Toda a gente me trata bem. Não tenho que dizer de ninguém.

## ***Ofício Trabalho com sacrifício***

Eu praticamente pouco podia fazer. Eu no campo não podia... Mas sem uma perna ainda cheguei a pegar numa enxada e a cavar ao pé de homens. A

minha mãe chamava pessoal para cavar a terra porque era tudo cavado, não podia entrar uma máquina, um tractor, não podia entrar nada. Tinha uma vontade para trabalhar, mas não podia. Aí é que era o problema.



**José Moura Fontinha (com 45 anos)**

Eu cheguei a ir para o pinhal. O meu pai não me queria deixar ir de maneira nenhuma. Eu começava a chorar. O meu pai teve que me deixar ir mais outro rapaz que vivia aqui, um vizinho meu. Fazermos rolaria para o pinhal. Cortar pinhal só com uma perna, de rastos no chão. Traçávamos os rolos, descascávamos, empilhávamos, aquilo era ao metro. Ao metro cúbico de madeira. Era a 20 escudos o metro. Mas quando a gente fazia dois metros eu vinha para casa muito contente, que já tinha ganho 20 escudos. Mas ao fim de ver que era demais, tive que deixar aquilo. O outro rapaz gostava muito que andasse ao pé dele. O outro podia bem trabalhar, mas gostava que eu andasse ao pé dele. Era um grande amigo meu, ainda hoje o é! Ainda estes dias estive com ele. Ele esteve aqui e disse:

- "Hei-de ser sempre."

Fôramos pequeninos os dois criados. Íamos ser sempre amigos. Abraçou-se a mim. Chama-se Joaquim Luís Gonçalves. É da Covita também. Andava aí muito rapaz, podiam andar com ele no pinhal, mas ele queria-me a mim mais do que queria os outros.

Não tive nenhum trabalho pago. Fui ajudando só. O meu pai também tinha umas ovelhas e eu gostava de andar com as ovelhas a deitá-las aí para o campo . Estavam habituadas comigo e não se iam embora. Eu sentava-me, porque elas não fugiam. Se eu me levantasse, não era preciso falar-lhes para vir embora. Elas abalavam logo atrás de mim. Eu conhecia as ovelhas. Para lhe tirar o leite logo de manhã e à noite às ovelhas tinha um bancozinho, assim baixo. A gente chamava um curral onde a gente tinha as ovelhas. Eu para lhe tirar o leite sentava-me no banquinho e as ovelhas estavam tão bem ensinadas que punham-se todas em volta do curral e eu tirava leite à primeira. Ia-lhe tirando o leite, não era preciso mandá-la embora, ela saía e entrava logo outra. E assim conseguia tirar o leite às ovelhas todas sem me mexer dali. Eram oito ovelhas.



**José Moura Fontinha (com 50 anos)**

## **Quotidiano "*Um*s voltas para *distrair*"**

Agora não faço nada. Levanto-me de manhã, tomo o pequeno-almoço e vou dar uma voltinha a pé. Regresso a casa e estou um bocado a ver televisão. Ao fim a minha irmã arranja o almoço. À tarde torno a ir dar mais uma voltinha. E assim vou passando o tempo. Vou passear até à estrada. Há um caminho que vai até à estrada. Às vezes, vou até em baixo, ao pé de Foz d'Égua, onde há ali uma presa. Ao fim volto outra vez pela estrada fora. Enfim, vou dando umas voltas por aí para passar o tempo. Cá não há pessoal para uma pessoa se distrair.

## **Sonhos *O supermercado***

Eu, se soubesse ler, uma coisa que eu gostava de ser era comerciante. Gostava de vender, como o Intermarché. Gostava de ter um supermercado daqueles. Se soubesse ler, mas como não sabia, naquele tempo, não pôde ser nada.